

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.023

PENSANDO A MAIÊUTICA SOCRÁTICO- PLATÔNICA NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LIDIANE DO NASCIMENTO

Mestranda em Filosofia pelo PPG PROF-FILO, núcleo UFCG. Professora da SEEC/RN. Membro do GT Filósofar e Ensinar a Filósofar e do GT Filosofia e Gênero, ambos vinculados à ANPOF. E-mail: lidianevaia-grecia@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2939975920137594>

LUCIMERY BARBOSA FREITAS

Mestranda em Filosofia pelo PPG PROF-FILO, núcleo UFCG. Professora da SEEC/PB. E-mail: lucimerybarboza@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4646956353522420>

FLÁVIO DE CARVALHO

Doutor em Filosofia. Professor da graduação e da pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Ensino de Filosofia (UFCG/CNPq). Membro do GT Filósofar e Ensinar a Filósofar e do GT Filosofia e Gênero, ambos vinculados à ANPOF. email: flavio.carvalho@ufcg.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1219291457473728>

RESUMO

Este artigo propõe uma relação entre a maiêutica socrático-platônica e uma metodologia de ensino-aprendizagem nas aulas de Filosofia na Educação Básica. Inicialmente, estabeleceremos uma conexão entre o contexto histórico e filosófico da obra platônica "Teeteto" e a situação atual da sala de aula, sob a perspectiva docente. O objetivo é investigar as condições para a prática da maiêutica na realidade escolar contemporânea. Surge a questão: ao utilizar o método da aula dialogada no plano de aula, será que esse método é equivalente à maiêutica? Para responder a essa indagação, dialogaremos com intelectuais da Filosofia e da Educação, como Judith Butler, Guacira Louro, Silvio Gallo, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, Michel Foucault e Alejandro Cerletti. Embora esses pensadores não abordem diretamente essa relação, empregaremos seus conceitos e ideias para orientar nossa reflexão sobre a escola real e a maiêutica como metodologia. Na análise relacional, exploraremos dois movimentos da maiêutica: o diálogo, compreendido como a pergunta, a fala, a escuta e a análise, e a maiêutica como experiência do pensamento, entendida como aquilo que nos instiga a pensar, fornecendo elementos singulares a serem interpretados e nos convidando a

transcender a mera condição de examinador. Nosso objetivo é compreender o papel da maiêutica no desenvolvimento da discussão e do aprendizado em questões epistemológicas, políticas, éticas, ontológicas e em outras áreas do saber filosófico, além de avaliar sua contribuição para o autoconhecimento. Por fim, abordaremos algumas questões, como o uso de espaços virtuais para a prática da maiêutica e seu potencial para contribuir para um processo de ensino-aprendizado participativo, democrático, criativo e filosófico.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Educação Básica, Maiêutica, Experiência do Pensamento

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A quantidade de recursos midiáticos e tecnológicos produzidos pela humanidade é gigantesca. A Educação, como área voltada para a formação humana, também é produtora de recursos para a aplicação de metodologias de ensino e aprendizado, assim como outras áreas do saber buscam criar dispositivos para auxiliá-la. Neste sentido, o ensino de Filosofia se destaca como uma área do conhecimento que, ao mesmo tempo, trabalha ocupada com a metodologia do fazer filosófico e com a metodologia do ensino de conteúdos filosóficos e do filosofar.

Entre a variedade de recursos e metodologias possíveis para o processo de ensino-aprendizagem, a maiêutica, como metodologia eminentemente filosófica, também se insere no plano de ação possível para esse processo. Primeiramente, ela foi mencionada por Platão, tendo Sócrates como seu interlocutor e praticante central, um filósofo que dialogava com os grandes pensadores da Grécia antiga. Sua proposta didático-filosófica busca simultaneamente produzir saberes e contribuir para a formação humana, abrangendo campos como Ética, Política e Ontologia, entre outros.

Algumas estudiosas e estudiosos sugerem que Sócrates tenha sido apenas um personagem de Platão, enquanto outros afirmam a existência real de Sócrates. No entanto, nossa investigação não se concentra nesse ponto. Desta forma, neste artigo nos referiremos à questão de maneira socrática-platônica, reconhecendo ambos como partes do mesmo movimento de pensamento. Ao mencionarmos Sócrates, estaremos nos referindo propriamente ao interlocutor/personagem.

Como já mencionado, o ensino de filosofia aborda metodologias, conteúdos de ensino e o próprio ato de filosofar. A análise dos textos filosóficos nos aproxima desse contexto. A escolha de um texto clássico filosófico, em especial um texto socrático-platônico, justifica-se pelo fato de que Sócrates praticava a maiêutica e também refletia sobre o fazer filosófico e o ensinar filosófico. De acordo com Deleuze, Sócrates seria o interlocutor/personagem conceitual, aquele que incorpora e vivência o conceito.

Teremos como referencial a obra "Teeteto", uma obra socrático-platônica que aborda questões relacionadas ao conhecimento. Nela, Sócrates mantém um diálogo com o jovem e inteligente Teeteto. Sócrates demonstra a Teeteto que, por mais que se tente caracterizar e definir o conhecimento, formulando conceitos sobre ele, é impossível chegar a uma definição precisa. Isso se deve ao fato de o conhecimento

estar além da opinião verdadeira e da explicação racional. O conhecimento é, por definição, a busca do saber, expressada na fala “saber que nada sabe” ou ainda “só sei que nada sei” (PLATÃO, 188a). Sócrates era considerado um parteiro das ideias, pois as emancipava para o pensamento, para a filosofia. E é isso que ele faz com Teeteto: provoca o parto das ideias. Por mais que acreditemos saber sobre algo, tudo o que sabemos é limitado aos nossos aprendizados e “pré-conceitos”. Portanto, nunca chegaremos à verdade, apenas nos aproximamos.

Não excluiremos da nossa análise a experiência da leitura da obra “A República”, pois lá encontram-se discussões sobre temas como Educação, Política, Ética, Epistemologia e Ontologia, também abordados nesta discussão. Não manteremos um diálogo direto com pensadores como Deleuze, Guattari, Jacques Rancière, Judith Butler, Michel Foucault, Alejandro Cerletti, Guacira Lopes e Silvio Gallo; no entanto, eles nos influenciaram a relacionar a maiêutica ao ensino de filosofia e ao movimento da experiência do pensamento filosófico. Ou seja, não trataremos de diálogos diretos, mas sim de influências em nosso pensamento, especialmente ao refletir sobre a escola atual e a maiêutica como metodologia.

Na influência do pensamento destas/os pensadoras/es mencionaremos Deleuze e Guattari na perspectiva do conceito como atividade filosófica. Já Rancière aborda a emancipação como possibilidade consciente do verdadeiro poder humano. Butler e Foucault nos auxiliarão na reflexão sobre a inclusão de gêneros na metodologia da Maiêutica e na participação de todo ser humano nesse campo. Cerletti contribuirá para pensar a prática filosófica docente, considerando que a sala de aula e o ensino de filosofia são problemas filosóficos. Lopes traz a sensibilidade ao espaço escolar, aos corpos que o ocupam, entendendo que sentir o espaço escolar é acolher e buscar compreendê-lo. Por fim, Gallo nos auxiliará na reflexão sobre a experiência do pensamento como um convite para pensar e repensar, correr e percorrer por problemas, fazendo e refazendo conceitos. Desse modo, elas e eles nos influenciarão no percurso metodológico, filosófico e pedagógico da maiêutica.

Por fim, nossa questão é refletir sobre o lugar, vivenciando a experiência do pensamento da maiêutica, hoje, na escola real e nas aulas de filosofia no ensino básico, com recortes no ensino médio. No entanto, nossa intenção não é trazer respostas ou soluções de como fazer, para que fazer e por que fazer. Em vez disso, convidamos você, leitora e leitor, a pensar junto conosco sobre essa metodologia socrático-platônica nas aulas de filosofia no ensino básico. Outro ponto que gostaríamos de destacar é a forma como utilizamos o gênero, ao colocarmos

primeiramente o feminino e em seguida o masculino. Nosso objetivo não é ferir as regras gramaticais, mas, inicialmente, propor um modo menos androcêntrico de escrever e, depois, incluir todas e todos, uma vez que nossa história é marcada por exclusão de gênero.

METODOLOGIA

O presente texto faz parte da atividade acadêmica do componente curricular “Laboratório de Sala de Aula em Filosofia” do mestrado em filosofia no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo) pelo núcleo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O texto propõe uma reflexão sobre a maiêutica socrático-platônica na obra “Teeteto” como metodologia de ensino-aprendizagem nas aulas de filosofia no ensino básico em salas de aula reais.

Este artigo é resultado de uma investigação embasada em revisão bibliográfica especializada no ensino de filosofia. Ao construir a análise relacional, manteremos um diálogo com intelectuais da Filosofia e da Educação, a saber: Judith Butler, Guacira Louro, Silvio Gallo, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, Michel Foucault e Alejandro Cerletti. Todas as pessoas acima indicadas nos influenciam nesse procedimento de relacionar o processo maiêutico ao ensino de Filosofia, mais especificamente ao movimento da experiência do pensamento filosófico. Mesmo que elas não abordem diretamente essa relação, utilizaremos seus conceitos e ideias para nos auxiliar a pensar, refletir e discutir a escola real e a maiêutica como metodologia ao mesmo tempo filosófica e pedagógica.

É importante destacar que entendemos a experiência do pensamento como uma atividade de análise, compreensão, criação e recriação de problemas e conceitos. Nesse movimento do pensamento, pensar em uma perspectiva deleuziana seria uma violência que nos arranca do nosso lugar natural. Viver essa experiência é viver a experiência do pensamento, ou seja, compreendido como aquilo que nos força a pensar, oferecendo elementos singulares a serem interpretados e capazes de nos convidar a sair da mera condição de examinador e/ou espectador/a.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a utilização da metodologia de revisão bibliográfica especializada possibilitaram explicitar a importância da maiêutica como

metodologia do ensino-aprendizado nas aulas de filosofia no ensino básico, aproximando-se de uma perspectiva de aula dialogada como método maiêutico.

Compreendemos que o movimento metodológico filosófico-pedagógico da maiêutica pode propiciar o desenvolvimento da discussão e do aprendizado sobre questões da epistemologia, política, ética, ontologia e de outras áreas do saber filosófico. Além disso, investigamos questões, como o uso de espaços virtuais, que entendemos como espaços de tecnologia virtual de rede social, para o exercício da maiêutica e como ela pode contribuir para o ensino-aprendizado participativo, democrático, criativo e filosófico.

MOVIMENTOS DA MAIÊUTICA E O ENSINO DE FILOSOFIA

Fazer perguntas acompanha os seres humanos há anos; o ato de questionar é a mola mestre do exercício do pensamento. Desse modo, podemos afirmar que é possível vivenciar a experiência do pensamento. A pergunta na sociedade é um elemento fundamental do saber e do conhecer, sendo um ponto de reflexão em uma das obras de Platão, da qual destacaremos aqui o “Teeteto”. Vale ressaltar que a obra é um diálogo com Teeteto e trata da natureza do conhecimento, sendo geralmente considerada o tratado fundador da epistemologia, a teoria do conhecimento que aborda o problema da realidade das coisas. Esta questão sobre a natureza do conhecimento é colocada logo no início do diálogo, quando Sócrates pergunta a Teeteto: *o que é o saber?*

Para tanto, os interlocutores Sócrates e Teeteto analisam o que é o conhecimento, o saber, conforme mencionado em trecho da obra:

“184 a e b - Mas maior é ainda o receio de aquilo que fez começar o nosso debate – a indagação do que é o saber -, ficar por examinar, devido aos outros argumentos que desordenadamente irrompem, se alguém lhes der atenção. Se o tratarmos de fugida, fá-lo íamos sofrer sem merecer, se o tratarmos devidamente, crescerá até apagar a questão do saber. Não pode ser nem uma, nem outra, mas devemos tentar que Teeteto, [b] através da maiêutica, dê à luz o que tem dentro acerca do saber” (Platão, 2008)

Entretanto, iremos nos ater à maiêutica, método ou arte Socrática-Platônica. Nesse movimento, destacamos dois pontos: a pergunta como movimento do pensar, ação que nos desloca da naturalização de nossas práticas; e o diálogo, no sentido

de conversa com outrem, como processo de fala que expõe ao outro aquilo que estamos pensando e analisando. Ao falarmos, estamos no movimento de ouvirmos a nós mesmos, na escuta como processo de acolhimento do que se ouve, na tentativa de visualizar aquilo que se escuta e analisa. Esse é o momento do movimento, da separação, junção, exclusão, inclusão do pensamento.

Nesse movimento de fala, escuta e análise, tanto de si mesmo ao pronunciar palavras e frases, movido pela pergunta e pela tentativa de compreender algo, quanto quando o outro fala, nossa análise partirá desses dois movimentos no plano da metodologia do ensino de filosofia, especialmente no ensino básico.

Enquanto docente, ao estruturarmos um plano de aula ou um plano de ensino, uma das metodologias mais citadas por nós é a aula expositiva dialogada. Seja pela naturalização do termo, seja pela aparente impressão de que ao expormos essa metodologia, o diálogo esteja garantido, cabe a nós a seguinte reflexão: citar no plano de aula ou no plano de ensino essa metodologia garante a sua realização?

Sócrates, na obra "Teeteto", demonstra duas possibilidades pelas quais a palavra diálogo pode ser caracterizada: uma como embate e a outra como maiêutica. No embate, ocorre o confronto daquilo que estamos a pensar, enquanto o outro está a falar, ou seja, o debate entre as partes, como está exposto na obra:

146[b] TEE. – Isso não seria de modo algum indelicado, Sócrates. Mas chama um dos rapazes para te responder. Não estou habituado a estes debates e já não tenho idade para me acostumar. Certamente que será mais adequado a eles e vai acostumar. Certamente que será mais adequado a eles e vai fazê-los avançar muito mais, pois, a quem a possui, a juventude permite um avanço em tudo. Então, tal como começaste, não deixes Teeteto escapar e faz-lhe perguntas. (Platão, 2008)

Para ele, a maiêutica seria a possibilidade de fazer nascer as ideias, ou seja, ocorreria por meio do diálogo, com a necessidade da presença do outro no processo, estimulados pela pergunta. Sócrates compara a maiêutica ao parto, onde "engravidamos" e fazemos nascer ideias:

148 [e] TEE. – Mas fica bem a saber, Sócrates, que tentei muitas vezes examinar a questão, quando ouvia fazer relatos das tuas perguntas. Mas, na verdade, não sou capaz de me convencer completamente de que digo alguma coisa, nem ouvi outro que falasse do modo que exiges e, contudo, não consigo deixar de me preocupar com isso. S. – Estás com as dores do trabalho de parto, meu caro Teeteto, pois não estás vazio, mas prenhe. (Platão, 2008)

Nesse caso, o feto, embrião ou bebê é a possibilidade da resposta, mas para engravidar na condição biológica humana, é necessário o óvulo e o espermatozoide. No caso da maiêutica, para engravidar, é necessário a pergunta e no movimento do diálogo (no sentido de duas pessoas estarem problematizando questões), esse feto, embrião, bebê vai se formando. O ato do nascer na maiêutica é fazer nascer a resposta, uma resposta para Sócrates que esteja mais próxima da verdade, e podemos dizer, das verdades, uma vez que o conhecimento de algo é possível de diferentes formas por diferentes sujeitos.

Desse modo, a aula dialogada passa a ser uma das metodologias de ensino, especialmente no ensino de filosofia, significativamente utilizada. Mas será que esse método é a mesma coisa da maiêutica? A maiêutica está tanto como modo metodológico, filosófico, pedagógico e de análise, mas, sobretudo, com a necessidade do outro para o diálogo. Assim, a maiêutica é também uma forma social, assim como a educação, o ensino e, propriamente, a filosofia. Nesse sentido, esse método dialoga entre si o poder do coletivo, do político, da epistemologia e da ética, onde no processo de ensino democrático, é necessária a participação de todas e todos.

Sob essa via da maiêutica como condição de participação, já que o diálogo precisa do outro e estando esse recurso como fonte metodológica de ensino e no ensino democrático há a necessidade da participação de todas e todos, chega-se à nossa necessidade de pontuar o lugar das mulheres, dos povos originários, das pessoas com deficiência, das pretas e pretos e de tantas outras pessoas que estão no processo e na participação epistemológica, mas não são ou, ainda que historicamente foram silenciadas e silenciados. Sendo ela o percurso para se chegar à resposta, vamos na fonte dela, a pergunta: o que pode a maiêutica? Cabe a ela questionar quem participou, quem participa, quem participará? Cabe a pergunta, por que as mulheres, mesmo tendo participado da construção epistemológica, foram silenciadas, assim como os povos originários, os pretos, as pessoas com deficiência? Qual o papel social da maiêutica nos tempos atuais?

A maiêutica e também as perguntas que lançamos acima partem do diálogo com a História, mas, sobretudo, com a sala de aula, onde hoje temos estudantes em uma diversidade de características, levando questões próprias da sua realidade, da cor da sua pele, dos seus espaços geográficos, da sua condição de gênero, dos seus corpos e muitas outras perspectivas. Ávidos por respostas, o processo ou, melhor, o método socrático toma e torna-se necessário, pois não é o mestre/professor

quem tem a resposta; ele caminha junto ao lado dos estudantes, ou seja, é um caminho percorrido coletivamente, processual, uma vez que ele acompanha passo a passo. Construtivo, porque se coloca na possibilidade de desnaturalização de pré-conceitos, ressignificando conceitos. Interativo pela condição de comunicação, possibilitando a participação de todos. Mas como já citamos, a mera explicitação no plano de aula ou no plano de ensino do método não é a garantia de realização, cabendo a nós utilizarmos e de fato tomar esse método como é próprio dele: Social, Político e Ético.

E por que isso é importante? Para a construção social, a Educação é o pilar. O embate socrático-platônico coloca os sofistas de um lado e os filósofos do outro, pois a preocupação na educação socrático-platônica não está pautada apenas na retórica ou na formação superficial do sujeito-estudante-cidadão, mas em sua profundidade, na busca também do ser sujeito-estudante-cidadão, com perspectivas da transformação do pensamento e, por consequência, do agir.

Dessa forma, a educação ultrapassa as barreiras do formar a mão de obra ou a mão empreendedora, mas o sujeito-estudante-cidadão que governe sobre tudo a si, que seja senhor de si, como diria Jacques Rancière, uma Educação para a emancipação:

“A experiência pareceu suficiente a Jacotot para esclarecê-lo: pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isso é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência. Mestre é aquele que encerra uma inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é. conscientes do verdadeiro poder do espírito humano” (Rancière, 2020, p. 27)

Nesse sentido, a emancipação ocorre de modo coletivo, oportunizando na sala de aula, e especialmente no ensino de filosofia, um ensino colaborativo e autônomo.

No período histórico socrático-platônico, a Grécia tinha como sociedade, ou melhor, como cidadão, homens, atenienses e livres. Entretanto, nas obras socráticas-platônicas, é possível visualizar o diálogo de Sócrates com um escravo, na obra “Mênon”, e com uma mulher, na obra “O Banquete”, demonstrando assim a possibilidade de qualquer sujeito participar do exercício da maiêutica, do método filosófico-pedagógico.

Ao pontuarmos esse contexto histórico grego, é importante lembrarmos de como nossa história foi povoada por marcadores de exclusão. A postura socrática vai de encontro ao contexto político, social e educacional da época. Nossa intenção aqui não é apontar culpados pelos silenciamentos históricos filosóficos, mas convidar todas e todos para o círculo, tornando possível o lugar da pergunta, da resposta e do diálogo, buscando diversificar ao máximo esse movimento do método maiêutico, para que o mundo, a sala de aula e o ensino de filosofia se apresentem de maneira mais inclusiva. Não buscamos apenas expor o que aconteceu, mas sim evitar a repetição ou permanência dessas exclusões.

Retornando à discussão sobre o processo maiêutico, semelhante ao que fizemos com o elemento diálogo, de mínimo duas pessoas, como já mencionamos, o caminho da maiêutica inicia-se com a pergunta. No ato de perguntar, reconhecemos nossa ignorância, o não saber. Ao questionarmos sobre temas como “O que é a mulher?”, “O que é o ser humano?”, “Como surgiu o universo?”, assumimos nossa falta de conhecimento. Entretanto, ao fazer essas perguntas, vivenciamos a experiência do pensamento por meio dos conceitos e, principalmente, retornamos aos problemas que despertaram nossa curiosidade.

O método maiêutico socrático-platônico busca compreender e entender conceitos, diferenciando-se do conceito como definição, que busca determinar por um fim. Optamos pela palavra “conceito” para expressar a atividade do pensamento de nomear, sem a intenção de hierarquizar as coisas nomeadas. A classificação, para nós, não implica uma escala de importância ou necessidade, mas sim trazer à luz o conceito e revelar. Ao definirmos a Mulher, a proposta não é superiorizá-la ao Homem, mas sim buscar uma compreensão sem essências ou teleologismos. O conceito, nesse sentido, busca compreender a realidade a partir dos próprios fatos, sendo imanente e não transcendental.

Podemos afirmar que a maiêutica é um movimento filosófico, um ato de filosofar, sendo apenas uma das muitas possibilidades desse exercício. Desse modo, a maiêutica é um encontro, seja consigo mesmo ou com o outro. No contexto da metodologia do ensino de filosofia, a maiêutica é uma forma de perguntar, falar, escutar e analisar.

A pergunta é o reconhecimento da ignorância, um ato de buscar expandir o saber instantâneo. A fala¹ é a externalização do pensamento, o momento de expor

1 A fala mencionada aqui é no sentido mais amplo possível, cabendo as várias formas de comunicação.

sição que está intrinsecamente ligado à comunicação. Comunicar é expor-se e visualizar o outro exposto, sem a necessidade de uma síntese absoluta entre as falas ou de uma superioridade entre elas. A escuta vai além do simples ouvir, é um lugar de encontro e acolhimento, uma ausculta existencial que permite ir além dos sentidos. Na escuta, quem fala deseja e quer ser ouvido, sendo esse o cerne da profundidade da maiêutica como recurso metodológico. Ela exige mais do que simples perguntas e respostas; ela exige ser, uma fala e uma escuta em constante devir, em construção.

A ausculta, como aprofundamento da escuta, vai além do simples ato de ouvir; é um mergulho na profundidade da fala, envolvendo-se no ser de quem se expressa. Quem fala, o faz não apenas com palavras, mas com o corpo, tornando a interiorização uma parte fundamental desse processo. Compreendemos, assim, que a maiêutica é a pedagogia do encontro, uma oportunidade de se encontrar consigo mesmo e exteriorizar o que está sendo pensado, analisado e avaliado. Portanto, o movimento da ausculta não se trata de julgamento, mas de acolhimento. Esse movimento se inicia com a pergunta, que é seguida pela exposição na fala. No entanto, a verdadeira essência da maiêutica ocorre no ato de auscultar. Se apenas falo incessantemente, e o outro não me ouve, esse movimento deixa de ser maiêutico, pois o pensar e o falar não garantem a efetividade da maiêutica.

O ato de analisar representa o movimento da análise crítica, do averiguar, estudar ou explorar aquilo que se auscultou de maneira minuciosa, com riqueza de detalhes: só aceitará a proposta depois de analisar as possibilidades. Subdividir, peneirar, fazendo uma apuração, uma varredura naquilo que se foi ouvido. Nesse momento do movimento, aquilo que se auscultou vai ganhando outras formas, uma vez que a apreciação, o filtro que deve ser realizado pela análise, vai sendo recalculado.

É possível compreender que a maiêutica não é o lugar da certeza, pois ela representa o movimento do filosofar, da experiência do pensamento (Deleuze e Guatarri, 2020). Nessa perspectiva, a maiêutica deve nos acompanhar durante toda a vida, uma vez que estamos em constante construção, em possibilidades. Desse modo, a maiêutica não é um método estático, mas dinâmico e vivo, dependendo da participação do outro na presença. Se já mencionamos que a escuta é o momento do encontro, a maiêutica também é a pedagogia da presença, no sentido etimológico da palavra "presença", formada por "PRAE-" (à frente) e "ESSE" (ser, estar). Logo, a sala de aula é o espaço desse movimento filosofante, que deve ser criativo,

participativo e democrático, dentro de um tempo e espaço que possibilitam o vir a ser na vivência enquanto experiência do pensamento.

Por outro lado, convém destacar que a sala de aula contemporânea é permeada por diversos ambientes de comunicação, como as redes sociais. Esses espaços são utilizados para conversas e trocas de mensagens, e os estudantes convivem ativamente com eles. No entanto, é válido questionar se esses ambientes são, de fato, propícios para a prática da maiêutica. A maiêutica necessita apenas de um espaço para o diálogo? Qual seria o papel desse método nos ambientes digitais, que também se fazem presentes na sala de aula?

Com o avanço dos recursos tecnológicos, nossa comunicação pode tanto retrair-se quanto expandir-se. Observamos que esses espaços proporcionam um lugar de fala, onde nos expomos mais, falamos mais. No entanto, surge a questão: será que estamos verdadeiramente ouvindo? E, inversamente, estamos sendo ouvidos? Estamos dispostos a acolher as falas envolvidas pela pergunta e criar um espaço verdadeiramente maiêutico? Essa disposição vem dos recursos em si ou de nós mesmos? Até que ponto estamos comprometidos com a prática da maiêutica?

O modelo educacional da rede pública atual propõe o ensino integral, onde o estudante é incentivado a ser o protagonista. Contudo, ao mesmo tempo que a escola busca isso, ela está inserida em um sistema que demanda que ela prepare os estudantes para o mercado de trabalho. Não buscamos atingir um modelo ideal e negar o atual, mas sim refletir sobre isso. Como mencionado anteriormente, nos planos de aula, é comum utilizar o método da aula expositiva dialogada. A questão que se destaca aqui é: a aula expositiva dialogada equivale à maiêutica socrática-platônica? Trazer respostas, ou até mesmo múltiplas respostas, parece ser, em certa medida, contrário à essência da maiêutica, sendo considerado antifilosófico. Por isso, convidamos todos a refletirem juntos sobre esse ponto.

Na obra em questão, os interlocutores Sócrates e Teeteto atingem um ponto no diálogo em que indicam que o saber consiste em reconhecer que nada se sabe. Nesse sentido, a maiêutica se revela como o encaminhamento desse processo. Nosso posicionamento em sala de aula não se baseia exclusivamente em certezas, tanto como docente quanto como ser em devir ou a caminho de ser. Optamos por caminhar junto aos estudantes no movimento que a maiêutica propõe.

Nessa perspectiva, o docente não recorre a conteúdos prontos e mecânicos, conhecidos como “bancários” (Freire, 1987)². A proposta maiêutica socrática-platônica no ensino-aprendizagem se configura pelo construtivismo coletivo. Na obra, Sócrates se apresenta como parteiro, aquele que auxilia no parto. Em outras palavras, ele desempenha o papel de mediador no procedimento do parto. Mesmo estando na condição de parteiro, não nega a possibilidade nessa gestação, participando ativamente dos diálogos socrático-platônicos, nos quais percorre os estágios de pergunta, fala, escuta e análise, interagindo com os outros interlocutores.

Será possível aplicar a maiêutica na escola contemporânea? Percebemos que a maiêutica não se enquadra como um método servil. Nesse sentido, ela pode ser transgressora em relação aos sistemas existentes e hegemônicos. Ao que tudo indica, a maiêutica emerge como uma metodologia à frente do seu tempo, pois seu movimento busca a autonomia do pensamento humano, preocupando-se não apenas com a formação dos seres humanos, mas também com outras atividades do conhecimento.

Nesse contexto, para incorporar o movimento maiêutico em sala de aula, especialmente no ensino de Filosofia, é necessário que o/a docente esteja atento/a ao espaço escolar. A sala de aula é o círculo central, mas seu entorno é igualmente significativo, conforme nos lembra Louro:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto,

2 Segundo a obra “Pedagogia do Oprimido”, o pedagogo Paulo Freire critica a educação bancária, que é uma educação problematizadora, rompendo com os esquemas verticais característicos da educação bancária. Essa prática realiza-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador/a e a/os educanda/os. Também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação, resultando em um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é apenas quem educa, mas quem, enquanto educa, é educado com a/o educanda/o, que, ao ser educado, também educa. A/O educanda/o é compreendido na educação bancária como ser passivo, e o educador, detentor do saber, deposita o conhecimento (Freire, 1987).

não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas. (Louro, 2022, p.63)

Dessa forma, a maiêutica não apenas gera conhecimento, mas também promove relações humanas, círculos, entorno, retornos e possibilidades de criação, recriação, desconstrução, formação e reformulação de ideias, conceitos e posturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa preocupação não foi e não é fornecer respostas para todas as questões levantadas aqui, pois compreendemos que nosso texto é um diálogo com você, que está lendo este artigo. No sentido de propiciar a Pedagogia do Encontro, como mencionamos, consideramos os recursos tecnológicos como meios para os possíveis lugares da maiêutica e deixamos nossos contatos de e-mail para um possível diálogo, do qual temos interesse em ouvi-lo/a, sendo esse o movimento que a maiêutica nos possibilita.

Enquanto docentes, pesquisadoras e pesquisadores, entendemos os desafios do uso metodológico da maiêutica. Se, por um lado, as/os estudantes estão habituadas/os a uma aula de copiar do quadro e podem questionar o uso da maiêutica em sala dizendo “é uma aula que irá apenas conversar? ”, é exatamente no exercício do método que possivelmente irão perceber o processo. A proposta não é a pergunta pela resposta ou a pergunta pela pergunta, mas o método pela busca da ideia/conceito e, sobretudo, pela vivência da experiência do pensamento.

Outro ponto importante é não transformar esse método em um caminho com finalidade estrita de alcançar respostas. No método, o mais importante é o caminho e o caminhar. Como já expomos no texto, o movimento da maiêutica, ao que podemos entender, é o movimento do pensar estimulado pela pergunta, exteriorizado pela fala (que aqui está sendo a escrita), ouvir e analisar continuamente. Esse movimento pode subir, descer, ir para a esquerda e para a direita, para a luz e para as trevas; toda essa mobilidade é possível na maiêutica, até mesmo desconsiderando esses pontos.

Enquanto docentes, somos desafiados o tempo todo, seja pelas questões dos métodos do ensino-aprendizado, seja pelas questões burocráticas do exercício, pelos alinhamentos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) com a realidade do/as estudantes, pelos recursos didáticos, pela nossa própria formação continuada, pela permanência do ensino de filosofia no ensino médio, e muitos outros pontos,

os quais o ensino de filosofia nos coloca, levantando assim, inclusive, outras questões filosóficas. Portanto, entendemos que discutir a maiêutica como metodologia filosófica e pedagógica pode contribuir com as nossas lutas nesse contexto descrito tão difícil que vivenciamos atualmente na educação brasileira.

Por se tratar de um texto interacionista em certo modo, nosso objetivo, como já mencionamos, não é trazer questões definidas de como ser docente, como agir, mas refletir, pensar, vivenciar a experiência do pensamento juntas e juntos. Nossa intenção também não é tomar este texto como ponto de partida, pois entendemos que você, docente, já exerce o pensar, o refletir, mas nosso texto é um convite para vivenciar e interagir conosco a experiência do pensamento. Para tanto, estamos abertas e abertos a esse movimento. Dessa forma, estamos disponibilizando nosso endereço eletrônico não como a única forma desse movimento, mas não sabemos até onde este texto pode chegar. Se desejar, podemos tomar um café envolvidos no movimento da maiêutica.

Desse modo, nossa prerrogativa é o diálogo, de modo que essas e muitas outras questões estão em aberto, e somos convidadas e convidados a participar. Estar aqui ao que nos parece é outra questão da maiêutica: antes de perguntar, devo estar disposto? Ou as perguntas surgem involuntariamente, e iniciamos o movimento?

Considere, portanto, essas questões como um convite para o nosso encontro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, 2018

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 20 ed. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2020.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autentica, 2009

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Filho Jr. e Alberto Alooso Ninõz .3 ed. 34: São Paulo, 2020

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber.** Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guihon Albuquerque. 11ed. Paz e Terra: São Paulo, 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia:** uma didática para o ensino de médio. São Paulo: Papyrus, 2012

PLATÃO. **Teeteto.** Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2008. (prefácio de José Trindade Santos).

RANCIÈRE Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.